

## O DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA INFANTIL FANTÁSTICA E A FICÇÃO NA OBRA DE “ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS”

Bibiana Borges Amaral<sup>1</sup>

Julienne da Silva Silveira<sup>2</sup>

Rosana Quadros Santos Leite<sup>3</sup>

Kyldes Batista Vicente<sup>4</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta uma reflexão acerca do diálogo narrativo entre a literatura infantil e a ficção nos filmes “Alice no País das Maravilhas” (1951 e 2010). O primeiro filme dirigido por Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luske (1951), e o segundo filme com a Direção de Tim Burton (2010). Este artigo não focaliza na descrição narrativa completa dos filmes, mas busca-se investigar a personagem “Alice” através da perspectiva histórica, cinematográfica e literária. Desse modo, buscamos aportes teóricos como Regina Zilberman (2003), Lígia Cademartori (2010), Tzevetan Todorov (1980), Hutcheon (2011) e entre outros.

**Palavras-chave:** Literatura infantil. Ficção. Narrativa. Alice.

**Abstract:** This paper presents a reflection on the narrative dialogue between children's literature and fiction in the films "Alice in Wonderland" (1951 and 2010). The first film directed by Clyde Geronimi, Wilfred Jackson and Hamilton Luske (1951), and the second film directed by Tim Burton (2010). This article does not focus on the complete narrative description of the films, but seeks to investigate the character “Alice” through historical, cinematographic and literary perspectives. In this way, we seek theoretical contributions such as Regina Zilberman (2003), Lígia Cademartori (2010), Tzevetan Todorov (1980), Hutcheon (2011) and others.

**Keywords:** Children's Literature. Fiction. Narrative. Alice.

### Introdução

<sup>1</sup>Graduação em Comunicação Social - Jornalismo e Fotografia pela Universidade de Caxias do Sul. Mestra do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGL) - Câmpus de Porto Nacional da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7717129817652003>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6660-7591>. E-mail: [bibiana.borgesamaral@gmail.com](mailto:bibiana.borgesamaral@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestra em Letras na área de estudos literários - PPG-Letras pela Universidade Federal do Tocantins. Graduada em Letras pela UFT-Câmpus de Porto Nacional. Atualmente é professora e assessora na Editora da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9067718320425288>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4944-4193>. E-mail: [julienne.ss@unitins.br](mailto:julienne.ss@unitins.br)

<sup>3</sup> Graduada em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas - na Universidade Federal do Tocantins – UFT (2006), Especialista em Língua Portuguesa e Literatura pela Instituição FAAP e Graduação em Pedagogia pela Instituição FAIARA. Docente do curso de Letras e Pedagogia da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Mestra em Letras (UFT), Câmpus Porto Nacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3410260440902997>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1233-4035>. E-mail: [rosana.quadros@hotmail.com](mailto:rosana.quadros@hotmail.com)

<sup>4</sup>Doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA), Graduada em Letras e Mestre em Letras e Linguística (UFG). Realizou estudos de pós-doutoramento em Letras e Linguística (UFG) e atualmente é professora da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins) e do Centro Universitário ITOP (Unitop). É editora da Revista Humanidades & Inovação (Unitins), da Revista Extensão (Unitins) e da Revista Multidebates (Unitop). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1249709305972671>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8473-2828>. E-mail: [kyldes.bv@unitins.br](mailto:kyldes.bv@unitins.br)

A literatura possibilita ampliar, transformar e enriquecer nossos conhecimentos adquiridos durante a vida. Por essa razão, é de extrema relevância que nossas crianças tenham contato com a literatura, mesmo que seja por meio de histórias folclóricas ou narrativas inventadas. Por isso, quanto mais cedo a criança tiver o contato com os livros, mais cedo será despertado o interesse pela leitura. Assim, no futuro, teremos um leitor e, desse modo, certamente, ele poderá estimular outras pessoas para que integrem esse grandioso mundo, que é o literário.

### **A história da literatura infantil**

A história da literatura infantil inicia-se por volta do século XVIII. A partir desse momento, a criança é vista como um ser que necessita de afeto e de atenção. Dessa forma, passa a não mais frequentar e participar da vida dos adultos, visto que era considerada um miniadulto até pelas suas vestimentas e os lugares que frequentavam. Como afirma Zilberman:

Entre os gêneros literários existentes, um dos mais recentes é constituído pela literatura infantil, que apareceu durante o século XVIII, época em que as mudanças na estrutura da sociedade provocaram efeitos no âmbito artístico, mudanças que vigoram até os dias atuais. Entraram em decadência os gêneros clássicos como a tragédia e a epopeia, substituídos pelo drama, o melodrama e o romance, formas voltadas à manifestação dos eventos da vida burguesa e cotidiana, que tomaram o lugar dos assuntos mitológicos e das personagens aristocráticas (ZILBERMAN, 2003, p 33).

Antes do século XVIII, a criança era vista como um ser que não precisava de atenção, participava da vida social do adulto, nada era dividido por faixa etária, pois não havia essa preocupação. Ainda não havia uma literatura direcionada para o público infantil, visto que se partilhava da mesma literatura voltada para os adultos.

As crianças eram divididas em dois grupos: as crianças da nobreza e as crianças das classes minoritárias (populares). A criança da nobreza tinha preceptores (professor particular), que direcionavam os estudos e as leituras. Já as crianças populares ouviam ou liam histórias de cavalaria ou lendas folclóricas. Acrescentando-se que os nobres já liam os grandes clássicos da literatura universal.

Para definir o conceito de literatura infantil é necessário levar em consideração uma ordem histórica. Seu surgimento está atrelado a todas as mudanças que ocorreram na

sociedade da época e, conseqüentemente, no âmbito da família burguesa, visto que era como uma exigência da época. Como ressalta Zilberman

Para conceituar-se a literatura infantil, é preciso proceder a uma consideração de ordem histórica, uma vez que não apenas o gênero tem uma origem determinável cronologicamente. Como também seu aparecimento decorreu de exigências próprias da época. Assim, há um vínculo estreito entre seu nascimento e um processo social que marca indelevelmente a civilização europeia moderna e, por extensão, ocidental. Trata-se da emergência da família burguesa, a que se associam, em decorrência, a formulação do conceito de infância, modificando o status da criança na sociedade e no âmbito doméstico, e o estabelecimento de aparelhos ideológicos que visam preservar a unidade do lar e, especialmente, o lugar do jovem no meio social. As ascensões respectivas de uma instituição como a escola, de práticas políticas, como a obrigatoriedade do ensino e a filantropia, e de novos campos epistemológicos, como a pedagogia e a psicologia, não apenas inter-relacionadas, mas uma consequência do novo posto da família e, respectivamente a criança, adquire na sociedade. É no interior dessa moldura que eclode a literatura infantil (ZILBERMAN, 2003, p 34-25).

Em razão da concepção de infância, surgiu um olhar diferenciado para as crianças, tendo em vista que a escola era um lugar privilegiado para a burguesia. Desse modo, a partir disso, todas as crianças tiveram acesso e conseqüentemente, o processo de escolarização passou a ser mais democrático. Segundo Zilberman:

A valorização da infância enquanto faixa etária diferenciada é um dos baluartes deste modelo doméstico. Particulariza-se, primeiramente, a criança como um tipo de indivíduo que merece consideração especial, convertendo-a no eixo com base no qual se organiza a família, cuja responsabilidade maior é permitir que os filhos atinjam a vida adulta de maneira saudável (evitando-se sua morte precoce e madura (providenciando-se sua formação intelectual) (ZILBERMAN, 2003, p. 18).

Pensar em uma literatura voltada para infância e juventude foi necessário para se retomar às questões sobre o que as crianças já conheciam. As crianças burguesas já tinham contato com os clássicos, esses mesmos sofreram adaptações e as crianças de classes populares com histórias do folclore e lendas, onde acontece apropriação dos contos dos de fadas. Vale ressaltar que essas narrativas na sua maioria não estava especificamente voltada para uma leitura apropriada para criança.

O caminho percorrido para chegar até a literatura infantil e juvenil não foi muito diferente daquele que as crianças já tinham contato, tanto as burguesas como as das classes menos favorecidas, os clássicos influenciaram algumas adaptações e do folclore algumas sugestões para os contos de fadas.

O francês Charles Perrault é considerado o precursor da literatura infantojuvenil. Como afirma Cademartori:

No século XVII, o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil (CADEMARTORI, 2010, p. 39).

Charles Perrault nasceu em 1628, em Paris, e faleceu em 1703, aos 75 anos. Deu início à carreira literária publicando uma série de odes dedicadas ao rei Luís XIV. Foi colaborador da fundação da Academia Francesa de Ciências e ainda, atuou como advogado e membro da alta burguesia.

Perrault foi o responsável pela apresentação dos seguintes contos: *A Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Barba Azul*, *O Gato de Botas*, *Cinderela*, *O Pequeno Polegar*, entre outros. Contos estes que povoam o imaginário desde criança, levando ao mundo da imaginação através dessas histórias.

Na fase mais madura, Perrault escreve os *Contos da Velha*, *Contos da Cegonha*, ficando mais tarde conhecido como *Contos da Mamãe Gansa*.

Passado algum tempo, surgem os irmãos Grimm Jacob e Wilhelm, grandes colecionadores de histórias folclóricas, assim como Charles Perrault, e também são considerados os precursores da literatura infantil.

Como afirma Cademartori (2010, p.39), “No século XIX, outra coleta de contos populares é realizada, na Alemanha, pelos irmãos Grimm (João e Maria, Rapunzel), alargando a antologia dos contos de fadas”.

Outros nomes de grande relevância para a literatura infantil, segundo Cademartori, são:

O dinamarquês Christian Anderson (*O Patinho Feio*, *Os Trajes do Imperador*), o italiano Collodi (*Pinóquio*), o inglês Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas*), o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*), o escocês James Barrie (*Peter Pan*) constituíram padrões de literatura infantil (CADEMARTORI, 2010, p-39).

Nesse contexto, tem-se a consolidação da literatura brasileira, no início do século XIX, com a chegada de D. João VI, em 1808, e com a implantação da Imprensa Régia. Desse modo, tudo isso contribuiu para o desenvolvimento da literatura infantil em território

brasileiro. Vale ressaltar que, nessa época, traduções e adaptações das obras portuguesas constituíam a literatura infantil para as crianças.

Os autores Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel fazem adaptações e traduções dos clássicos de Grimm, Perrault e Andersen, que são divulgados nos Contos da Carochinha, nas histórias da avozinha e nas histórias da baratinha.

Quando pensamos em Literatura Infantil, no Brasil, já nos vem à memória Monteiro Lobato e o Sítio do Picapau Amarelo. Como afirma Cademartori:

A literatura infantil brasileira inicia sob a égide de um dos mais destacados intelectuais: Monteiro Lobato. Se isso, por um lado, prestigiou o gênero no seu surgimento, por outro, fez com que, após Lobato, por muito tempo, a literatura infantil brasileira vivesse à sombra de seu nome (CADERMATORI, 2010, p. 48).

Monteiro Lobato trouxe uma literatura infantil voltada para raízes brasileiras, um cenário exuberante em que estava presente, a fauna e flora brasileira, personagens que mexem até hoje com o imaginário adulto e infantil. Uma boneca falante, ao mesmo tempo espevitada, sem papas na língua, uma avó bondosa, que recebe todos com muito carinho e atenção, e a tia Anastácia que faz os melhores quitutes para a criançada, integram personagens inesquecíveis.

Monteiro Lobato, um autor muito versátil, não foi autor somente de obras infantis, visto que abarcou em suas narrativas o meio rural e as mazelas do povo brasileiro. As obras de Lobato continuam até hoje sendo lidas e trabalhadas em sala de aula e povoando o imaginário infantil.

### **Análise Narrativa da Personagem “Alice”**

A companhia multinacional estaduniense “*The Walt Disney Company*”, fundada em 1923, pelo animador Walt Disney, assina um contrato com o M. J. Winkler para a criação da série “*Alice Comedies*”<sup>5</sup>, *uma atriz mirim que interagia com personagens animados*.

A partir da pesquisa do conto de fadas “Alice no País das Maravilhas” de Charles Lutwidge Dogson com o pseudônimo de Lewis Carroll, iremos investigar como a literatura infantil contribui para o universo filmico, observando o elemento narrativo nos filmes de

<sup>5</sup> Informações retiradas do site oficial do The Walt Disney Company. Disponível em: <https://thewaltdisneycompany.com/about/#leadership>. Acesso em 22 ago. 2021.

“Alice no País das Maravilhas (1951-2010)” disponíveis na plataforma da Disney+, originalmente criada em 2015.

Segundo Martins (2018, p.16 -17), a estreia de Alice (1951) aconteceu em 26 de julho de 1951, e no Brasil, dois meses depois em 14 de setembro de 1951, e não foi considerado um sucesso pela crítica, e a segunda Alice, Martins afirma que “o filme ganhou o status de “clássico” e, em 2010, foi lançada pela Disney uma adaptação, que mistura *live-action* e animação, dirigida por Tim Burton”.

Quando falamos em literatura infantil, imediatamente resgatamos da nossa memória de infância *Alice no País das Maravilhas*. O livro foi escrito em 1865, por Charles Lutwidge Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carroll. Trata-se de um clássico da literatura mundial, em que dificilmente se encontra alguém que já não tenha lido. Uma narrativa fascinante, estranha, fantástica e carregada de simbologias. Uma obra destinada para crianças, mas não são raras as exceções de quem leu e ficou confuso quanto a sua narrativa e se questionou se, de fato, a narrativa é destinada para as crianças.

No Brasil, a obra *Alice no País das Maravilhas* foi adaptada por Monteiro Lobato em 1931. Duarte (2014, p.1) afirma em seu texto “Alice por Artes de Narizinho”: *Alice no País das Maravilhas*, de Monteiro Lobato, que o autor brasileiro

[...] acrescenta e retira informações da obra original. O tradutor/autor justifica sua postura já no prefácio do volume ao afirmar que fez o que pode, mas pede aos pequenos leitores que não o julguem, pois as diferenças das línguas e mentalidades, inglesas e brasileiras, são grandes. (DUARTE, 2014,p.1).

Outro clássico da literatura infantil que podemos citar é o *Pequeno Príncipe* de Antoine de Saint-Exupéry de 1953. As obras foram escritas em anos completamente diferentes, mais de 80 anos separam uma narrativa da outra. Mas o que esses clássicos possuem em comum? As duas obras originalmente foram escritas e direcionadas ao público infantil, mas encantam os adultos pelo mundo a fora, e muitos se perguntam como uma criança, em seu mundo lúdico, infantil, seria capaz de compreender as entrelinhas dessas narrativas? Podemos dizer que ambos os enredos são fantásticos, o que já faz com que sejam compreensíveis os questionamentos acerca das obras se são ou não voltadas para o público infantil.

“Era uma vez”, porque é assim que começam quase todas as histórias infantis e de fantasia. Era uma vez uma menina entediada e cansada de ler histórias, que para ela, uma criança, não faziam muito sentido, “*para que serve um livro, pensou Alice, sem figuras e sem diálogos?*” (CARROLL, 2002, p.4). Para Eco (1994, p.14), quando

[um] texto que começa com “Era uma vez” envia um sinal que lhe permite de imediato selecionar seu próprio leitor-modelo, o qual deve ser uma criança ou pelo menos uma pessoa disposta a aceitar algo que extrapola o sensato e o razoável (ECO, 1994, p. 14).

A personagem Alice é uma menina muito curiosa e esperta como qualquer outra criança da sua idade. E como curiosa que é, ao avistar um coelho branco de colete, que dizia estar atrasado, de olhos cor de rosa, passar por ela correndo, a menina não se conteve e resolveu seguir o coelho. Um coelho falante e de roupa? O coelho é um é um animal antropomórfico, e é ele quem é responsável por encontrar Alice e levá-la de volta ao Mundo Subterrâneo para que ela possa cumprir seu destino.



**Fonte:** <http://www.benoliveira.com/2016/08/confira-14-ilustracoes-originais-livro-alice-pais-maravilhas-john-tenniel-lewis-carroll.html>. Acesso em: 15 set. 2021.

O coelho entra em uma toca, e Alice, curiosa e não contente, também entra na toca! Alice cai por metros e metros, e a toca parece não ter fundo. E conforme Alice cai, ela visualiza nas paredes do túnel, assim podemos dizer, objetos estranhos, os quais ela tenta pegar sem sucesso. Ao chegar no fundo da toca, a personagem se depara com o Mundo subterrâneo: O País das Maravilhas. E é neste momento que a magia do fantástico toma conta da narrativa. Será que a pequena menina realmente viveu tudo aquilo no País das Maravilhas? Ou pequena criança sonhou? Ou seriam devaneios de uma mente inquieta? A dúvida entre o real, o irreal, o inexplicável, a incerteza é que faz a literatura fantástica acontecer.

Comumente vemos o fantástico atrelado aos contos de fadas, porém o gênero que surgiu entre os séculos XVIII e XIX e teve sua ascensão ocorrida no século XX, vai além dos contos de fadas e ultrapassa os limites da mente humana. O fantástico estava ligado à presença do sobrenatural, onde fantasmas, mortos vivos, vampiros eram o fio condutor da narrativa. No decorrer dos séculos o gênero foi se transformando e passou a explorar também o psicológico do ser humano, temas como alucinações, pesadelos, loucura foram incorporados às narrativas, que antes era diretamente relacionadas somente as histórias de fadas. Todorov é categórico quando descreve o fantástico, “há um fenômeno estranho que pode ser explicado de duas maneiras, por tipos de causas naturais e sobrenaturais. A possibilidade de vacilar entre ambas é que cria o efeito fantástico” (TODOROV, 1980, p. 23).

Para ser literatura fantástica, a narrativa precisa causar estranhamento e dúvida no leitor. O elemento da narrativa não pode ser explicado pelas leis naturais. A dúvida é que faz a literatura fantástica existir. Para a narrativa ser considerada fantástica ela precisa adentrar em nosso mundo com um fato, elemento, acontecimento no enredo que não pode ser explicado pelas leis racionais. A dúvida, a incerteza entre o real e o inexplicável tem que fazer o leitor hesitar e ser invadido pelo sentimento da incerteza, de dúvida e falta de explicações lógicas para os acontecimentos. Isso é que gera o fantástico, o qual circunda entre o estranho e o maravilhoso. E é o leitor é quem decide se os fenômenos das narrativas podem ser explicados por meio de leis dos homens, ou pelas leis da natureza. Em alguns casos, tudo se mistura. Sobre essa sobreposição dos subgêneros do fantástico e comparações, Todorov diz que:

A comparação não é gratuita: o maravilhoso corresponde a um fenômeno desconhecido, ainda não visto, o por vir: por consequência, a um futuro. No estranho, em troca o inexplicável é reduzido a feitos conhecidos, a uma experiência prévia, e, desta sorte, ao passado. Quanto ao fantástico em si, a vacilação que o caracteriza não pode, por certo, situar-se mais que no presente (TODOROV, 1980, p. 36).

Alice ao se deparar com o Mundo do Subterrâneo encontra uma terra fantástica, diferente do seu mundo, e desconhecida que é cheia de animais e objetos antropomórficos que se comportam como seres humano. As aventuras da menina no País das Maravilhas são estranhas ao mundo real, o mundo dos seres humanos, onde Alice nasceu, nenhuma de suas aventuras fariam sentido, e ela seria tachada de louca caso relatasse essas aventuras. O País das Maravilhas é mundo encantado e fantasioso (será que ele existe somente na cabeça da Alice?) Tudo que a menina vive por lá seria impossível no mundo tido como o real. Além de Alice que é um ser humano “normal”, a narrativa traz o coelho, a lagarta, o gato Cheshire, o Chapeleiro Maluco e a Rainha de Copas, todos com características bem peculiares.

Na narrativa, Alice é uma menina inglesa, de sete anos, que foi inspirada em uma criança real, Alice Liddell, a filha de um amigo de Carroll. Alice é inteligente e durante a narrativa ela se faz questionamentos quanto ao comportamento dos outros personagens e os seus. Alice é movida pela curiosidade e no mundo da fantasia, tudo que aprendeu com os adultos, cai por terra. A menina é confrontada pelo comportamento descabido dos habitantes do País das Maravilhas, a falta de ordem e normas sociais a incomodam. Alice é o espelho da sociedade em que vive e dos adultos com quem convive. Nesta aventura pelo mundo fantástico do País das Maravilhas, Alice conversa consigo mesma, muitas vezes ela e se questiona sobre o que pode acontecer com ela, sugere alguns conselhos e vislumbra um possível futuro de acordo com suas atitudes e acontecimentos.

“Que sensação estranha”, disse Alice. “Eu devo estar encolhendo como um telescópio!”

E daí era fato, ela estava agora com apenas 25 centímetros de altura, e seu rosto resplandeceu ao pensar que aquele era o tamanho exato para atravessar a portinha em direção ao adorável jardim. Primeiro, entretanto, ela esperou alguns minutos para ser ainda iria ainda encolher: ela sentia-se um pouco nervoso em relação ao fato “porque isso pode resultar, você sabe”, disse Alice para si mesma, “em eu sumir como uma vela”. A menina ficou pensando como seria, tentando imaginar como a chama de uma vela se parece depois que a vela a acaba e ela não conseguiu lembrar de ter visto alguma vez algo assim. Afinal, achando que nada mais aconteceria, ela decidiu-se a entrar no jardim, mas, pobre Alice! (CARROLL, 2002, p.11).

Como é possível uma menina medir alguns centímetros ou um coelho falar? Este trecho é apenas um, de um livro inteiro onde o enredo é fantástico do início ao fim. Mas cabe ao leitor admitir a existência do fantástico ou não. Na adaptação fílmica de 1951 a fantasia fica evidente, os personagens ganham vida e Alice é uma menina como qualquer outra de sua idade, mas a menina apesar de ter apenas sete anos, age de acordo com os “conceitos” da época e ainda assim se questiona sobre determinadas atitudes.

Outra adaptação de Alice foi feita em 2010 e quem dirige e dá o tom da narrativa é o cineasta Tim Burton. A Alice de Burton é uma garotinha, também de sete anos, que todas as noites tem o mesmo sonho, e neste sonho ela sempre encontra os mesmos personagens: coelho, a lagarta, o Dodô, gato sorridente. A narrativa faz a passagem de tempo de doze anos. A narrativa começa com uma Alice mais velha, uma garota de 19 anos que em meio a uma festa (seu noivado) larga tudo, inclusive o rapaz que a pede em casamento para ir atrás de um coelho que ela avista no jardim. Nesta narrativa Alice é contra todas, ou quase todas as normas sociais da sua época, ao contrário da Alice da animação de 1951. Alice de Tim Burton não vê muito sentido em ter que casar para não ter que ficar solteira como sua tia. E mais, Alice se sente incomoda com as roupas e como forma que deve se vestir, se comportar e assim como a Alice de Carroll ela é questionadora, porém questiona as regras e os comportamentos da sociedade inglesa da época. A Alice de Burton quer ser livre e viver sem padrões e o País das Maravilhas e o mundo fantástico que ela encontra ao entrar na toca do coelho é completamente ao contrário do mundo em que ela vive.



Fonte: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/alice-no-pais-das-maravilhas/>. Acesso em: 15 set. 2021.

No mundo subterrâneo, a Rainha de Copas é quem dita as regras (as mais absurdas) e tem um sentido de justiça completamente ao contrário do mundo “real”, o que também incomoda a jovem Alice. Podemos constatar que as atitudes da Rainha são uma crítica ao regime monárquico inglês. E as atitudes e questionamentos de Alice em ser livre para ser o que quiser, longe de padrões impostos. Alice já conhece o Mundo Subterrâneo, o mundo que ela sonhava? E ao retornar já adulta, mesmo que se sinta, em algumas situações, descontente com o que está acontecendo, retornar ao País da Maravilhas soa como um momento, um novo momento, de se descobrir e saber o que realmente quer. E isso fica claro ainda na infância da menina, os sonhos de Alice revelam seu desejo inconsciente de ser e viver livre, de poder crescer, diminuir, comer e beber o que quiser, experimentar outras possibilidades.

Tim Burton buscou, de forma excêntrica, como em todos os seus filmes, traduzir e recriar uma Alice que além de questionadora é também inquieta. Ambas as “Alices” (de

Carroll e de Tim Burton) vivem em sociedade conservadora, puritana, cheia de regras e moralista. Alice de Burton é ousada e está a frente do seu tempo.

Podemos dizer que o enredo de Alice, no que diz respeito ao conservadorismo da sociedade, papel da mulher e ao fato de mulheres terem que seguir regras e serem o que a sociedade espera delas se assemelha ao enredo de Madame Bovary e de Dom Casmurro, onde a mulher precisa seguir normas e regras impostas pela sociedade, mas a Alice da narrativa fílmica de Burton contraria todas as regras, inclusive as de Carroll, e busca ser livre. Mas essa busca da Alice por um mundo diferente realmente existiu? Ou seriam apenas sonhos, ou quem sabe delírios?

Não existe nada mais clichê e que incomode o leitor, que chegar ao final da narrativa e se dar conta que foi apenas um sonho. Mas este é um dos elementos característicos do fantástico. Na obra literária, Alice não estranha o fato do coelho falar e estar bem vestido, assim como não se surpreende com os outros personagens. Seguindo a linha de raciocínio de Todorov, o fantástico precisa causar estranhamento e hesitação e em momento algum Alice hesita diante dos acontecimentos, apenas das injustiças da Rainha de Copas. E assim como Alice, o leitor tem a certeza que pequena menina está em um mundo onde tudo é possível, sendo assim, podemos dizer que estamos diante de uma obra que contemplaria o maravilhoso.

Mas o desfecho da narrativa surpreende e nos traz uma explicação racional e lógica para tudo que Alice viveu: era apenas um sonho. E assim de acordo com linguista Todorov, esse desfecho é característico do fantástico-estranho. No fantástico estranho (subgênero do fantástico) a forma como a narrativa transcorre faz com que os acontecimentos pareçam obra do sobrenatural, mas neste subgênero, o que antes causa dúvidas entre o real e o imaginário, pode ter no seu desfecho explicações totalmente plausíveis e verossímeis. Para Todorov categoria estranha seria as obras em que

Relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mas que são, de alguma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos e que, por esta razão, provocam na personagem e no leitor reação semelhante àquela que os textos fantásticos nos tornaram familiar. (TODOROV, 1980, p. 39).

Diferentemente do livro, na adaptação de 2010, a Alice hesita e se questiona sobre sua sanidade mental e se estaria ficando louca. E assim como Alice, quem assiste à narrativa

filmica hesita e também se pergunta se a garota estaria louca. Mas após acordar, a borboleta, a então lagarta do seu sonho, voa diante dos seus olhos. Logo, estamos diante do maravilhoso.

Segundo Hutcheon,

A maioria das teorias da adaptação presume, entretanto, que a história é o denominador comum, o núcleo do que é transposto para outras mídias e gêneros, cada qual a trabalhando em diferentes vias formais e, eu acrescentaria, através de diferentes modos de engajamento - contar, mostrar ou interagir. A adaptação buscaria, em linhas gerais, “equivalências” em diferentes sistemas de signos para os vários elementos da história: temas, eventos, mundo, personagens, motivações, pontos de vista, consequências, contextos, símbolos, imagens, e assim por diante. (HUTCHEON, 2011, p. 32).

A obra literária Alice no País das Maravilhas encanta crianças e adultos no mundo todo e é um livro que a cada vez que o leitor/espectador se propõe a ler ou assistir os filmes, o leitor/espectador faz novas descobertas. Carroll e Tim Burton conseguem traduzir com maestria o mundo do fantástico.

### **Considerações Finais**

A narrativa literária e o filme de “Alice no País das Maravilhas” apresentam suas semelhanças e individualidades, a adaptação para o cinema criou uma “Alice” corajosa, uma mulher que enfrentou um mundo desconhecido e ao retornar para casa, não aceitou casar-se, e torna-se aprendiz nas expedições que seu pai sonhava em fazer.

Hutcheon (2011),

A ênfase no processo permite-nos expandir o foco tradicional dos estudos de adaptação, centrados na especificidade midiática e nos estudos de caso comparativos, de modo a incluir também as relações entre os principais modos de engajamento, ou seja, permite-nos pensar sobre como as adaptações fazem as pessoas contar, mostrar ou interagir com as histórias. Uma história pode nos ser contada ou mostrada, cada qual numa variedade de diferentes mídias. (HUTCHEON, 2011,p.47).

E assim, a obra literária recebe uma nova roupagem e não podemos menosprezar a obra adaptada por não seguir a mesma narrativa do livro original. Uma história pode ser contada várias vezes em mídias diferentes e desperta no leitor/espectador nuances e memórias entre as crianças e adultos.

## Referências

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS. (**Alice in Wonderland**). Estados Unidos, 1951, 75 min. Direção: Clyde Geronimi, Wilfred Jackson e Hamilton Luske. Disney+.

ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS. (**Alice in Wonderland**). Estados Unidos, 2010, 108 min. Direção: Tim Burton. Disney+.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010. Coleção primeiros passos.

CARROLL, Lewis. **Alice no País das Maravilhas**. Trad. Clélia Regina Ramos. Arara Azul. 2002. E-books Brasil. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>. Acesso em: 13 de jun. 2021.

DUARTE, Katarina Queiroga. “**Alice por Artes de Narizinho**”: Alice no País das Maravilhas, de Monteiro Lobato. Revista Cultura e Tradução. UFPB – PPGL. v.2 n1 (2014). Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/view/21102>. Acesso em: 13 de jun. 2021.

ECO, Umberto. **Seis Passeios pelos Bosques da Ficção**. Tradução: hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. Disponível em: <https://ur.b-ok.lat/book/11678793/7f2e3d>. Acesso em: 11 de set. 2021.

HUTCHEON, Linda. “**Uma teoria da adaptação**”. Trad. André Cechinel. 2. ed. - Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013. Scribd. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/407903807/Linda-Hutcheon-trad-Andre-Cechinel-Uma-Teoria-da-Adaptacao-2013-Editora-UFSC-pdf>. Acesso em: 08 de out. 2021.

MARTINS, Sophia Castro. **Dublagens de Alice: o que mudou em 40 anos?**. Monografia. Bacharel. Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora. Faculdade de Letras. Juiz de Fora. 2018. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/bachareladotraducao/wp-content/uploads/sites/166/2020/08/Sophia-Martins.pdf>. Acesso em: 08 de out. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **As estruturas narrativas**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2006. Digital Source. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/194568251/As-estruturas-narrativas-Tzvetan-Todorov-pdf>. Acesso em: 13 de jun. 2021.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2004. Digital Source. Disponível em: [https://www.academia.edu/4176799/Tzvetan\\_Todorov\\_Introducao\\_a\\_literatura\\_Fantastica](https://www.academia.edu/4176799/Tzvetan_Todorov_Introducao_a_literatura_Fantastica). Acesso em: 13 de jun. 2021.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.